

SENTIMENTOS E RESSENTIMENTOS ENTRE POPULAÇÕES FRONTEIRIÇAS

*Célia R. de Toledo Lucena**

Resumo: Iñapari, a cidade peruana situada na tríplice fronteira (Brasil/Peru/Bolívia), apesar de ter um número reduzido de moradores (2000 habitantes), não escapa do estabelecimento de relações tecidas pelas diferenças. Os indivíduos e grupos que se aproximam por relações de trabalho, vizinhança ou parentesco ainda se sentem separados ou se separam a todo instante pela condição de “serem nascidos “nela” ou “fora dela”. Isso gera fronteiras culturais e ressentimentos entre nativos e migrantes, dando origem assim a uma gama extensa de tensões e conflitos. Essas tensões refletem as incertezas e inseguranças existentes na sociabilidade das cidades contemporâneas do mundo globalizado. Esses migrantes são pessoas que se deslocam de regiões andinas e buscam a zona fronteiriça com o objetivo de montar um negócio e adquirir capital. Para se integrarem reinventam tradições e, por meio de associações, expressam sentimentos de solidariedade e pertencimento e os desejos de manterem traços distintos oriundos de sua cultura de origem.

Palavras-chave: Fronteiras Culturais. Migrantes e Nativos. Sentimentos. Ressentimentos.

Abstract: Iñapari, a Peruvian city located in the triple-frontier (Brazil/Peru/Bolivia), although having a reduced population (2,000 inhabitants), does not escape from relationships framed by differences. Individuals and groups approach each other by means of work relationships, neighborhood, and family ties. However, they feel themselves apart or disaggregate themselves through the differentiation of “being born there” or being an “outsider”, thus generating cultural frontiers between the native and the immigrant people, sheltering several tensions and conflicts. Such tensions reflect the uncertainties and unsafety, contained in the sociability of contemporary cities in the globalized world. These migrants are persons who dislocated themselves to Andean regions, looking for the boundary regions with the purpose to set a business and to gather some money; in order to be integrated, they reinvent their traditions, and by means of associations, they express feelings of solidarity, “to belong to”, wishing to maintain different traces of their culture of origin.

Keywords: Cultural Frontiers. Immigrants and native people. Sentiments. Resentments.

Este artigo trata de um estudo realizado na tríplice fronteira (Bolívia, Brasil e Peru). A construção da Rodovia Transoceânica, que faz a ligação da

* Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo/Brasil. Projeto Populações amazônicas fronteiriças ante o processo de integração trinacional: relações étnicas, nacionais, conflitos sócio-

cidade de Rio Branco (Acre) e o Pacífico a partir de 1990, vem despertando novas expectativas de vida e provocando a mobilização de grupos populacionais na região. Assim, muitos se deslocam de lugares distintos e distantes, com intuito de encontrar na fronteira um espaço para montar negócio e recomeçar a vida.

O que caracteriza o território culturalmente é a unidade simbólica do universo amazônico. As três localidades (Bolpebra/Bolívia, Assis Brasil/Brasil e Iñapari/Peru), situadas na área fronteiriça tiveram crescimento nos anos 1990. A partir de então, deslocou-se uma população boliviana para Bolpebra,¹ uma nova população do Peru, em sua maioria proveniente da região andina – de Cusco, Puno, Kuliaca e Huancayo –, se transferiu para Iñapari. Assis Brasil² que havia sido emancipado como município em 1976, a partir da década de 1990 apresenta grandes mudanças em sua fisionomia, demonstrando um notável crescimento, com a chegada de novas populações e o surgimento de inúmeras transformações.

A fronteira induz a pensar em passagem, contatos, intercâmbios, estranhamentos, barreiras e confrontos. O movimento populacional na fronteira apresenta singularidades em relação às imigrações internacionais de longa distância e às migrações em contextos nacionais do interior para os grandes centros. Dessa forma, entende-se por movimento populacional fronteiriço o deslocamento e intercâmbio nos limites entre países de fronteira e a chegada de novos habitantes para a região. A fronteira avança para os domínios de uma construção simbólica de pertencimento que se chama identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença. Os grupos fronteiriços re-inventam suas práticas com base em conteúdos transmitidos que impõem as dinâmicas de pertencimento baseadas nos referentes nacionais e culturais ou étnicos.

Para entender os intercâmbios entre a população fronteiriça lançou-se mão de entrevistas com comerciantes, colonos e moradores no geral, das localidades de Assis Brasil e Iñapari para verificar, por meio de suas experiências vividas, como foram se estabelecendo as relações políticas e sociais, como as práticas culturais são intercambiadas, onde as compras do dia-a-dia são realizadas, qual a influência da culinária entre os dois países, como se estabelecem os laços de sociabilidade, as relações afetivas, os casamentos entre pessoas do Brasil-Peru. Quando os pesquisadores se defrontaram com

ambientais na fronteira do Brasil/Peru/ Bolívia. Projeto integrado entre as universidades [UPO: *Sevilha/Espanha*; CERU-USP, PUC-SP, UFAC: *Brasil*; UNSA: *Cusco/Peru*], realizado nos anos de 2007 e 2008, com auxílio concedido pela AECID (Associação Espanhola de Cooperação Internacional).

¹ No município de Bolpebra, as primeiras comunidades se formaram a partir do ano de 1976. A comunidade de São Pedro de Bolpebra foi fundada em 1992, tendo aproximadamente catorze famílias.

² Assis Brasil é um município situado em território fronteiriço (Acre/Brasil), lugar do antigo Seringal Paraguaçu. Iñapari é capital da província de Tahuamanu, situada na região de Madre de Diós (Peru). Bolpebra está situada na Região de Pando (Bolívia).

as barreiras entre novos e velhos moradores, foi possível perceber que as emoções dos novos moradores são permeadas por ressentimentos. Nesse sentido a fronteira é um marco que limita, que separa, que agrega e aponta sentidos socializados de reconhecimento. O princípio de reconhecimento envolve analogias, oposições e correspondências de igualdade, em um jogo permanente de interpretações e conexões variadas (PESAVENTO, 2002). A fronteira estimula a pensar em trânsitos que diferem em situações ou épocas, as novas dimensões que a fronteira vai adquirindo levam a população a pensá-la e construir suas representações em diferentes dimensões.

Para estudar as “fronteiras culturais” entre antigos e velhos moradores, a cidade de Iñapari foi palco de investigação. Fronteiras culturais remetem à vivência, às sociabilidades, aos valores; significados, comportamentos e ideias apontam para a mistura, para a troca e para novas percepções de mundo. Iñapari,³ localidade peruana na região amazônica, situada na tríplice fronteira, ficou isolada por muito tempo, mas hoje, com a construção da Estrada do Pacífico e com o surgimento da ponte que faz a ligação entre Brasil e Peru, essa situação mudou totalmente.

Neste estudo levam-se em conta as diferentes formas de territorialização de um mesmo espaço por diferentes sujeitos, que vêm convivendo com as diferenças marcadas por fronteiras administrativas e que agora são afetados por uma questão mais global, que é a construção da estrada. Diante desse processo que abrange inúmeras modificações criou-se um imaginário de que a fronteira é um espaço propício para instalar um comércio, tendo em vista atingir com as vendas não apenas os moradores locais, mas também os transeuntes e alimentando ainda a idéia de expandir as vendas aos vizinhos brasileiros. Como resultado dessas mudanças a população enfrenta insegurança pela perda da tranquilidade e aumento do narcotráfico.

Nesse contexto de insegurança e de estranhamentos, são despertados sentimentos de medo, de angústia, de ódio, de solidariedade e de pertencimento. Torna-se evidente que o surgimento de novas inseguranças e novas desigualdades são decorrentes da economia globalizada; a região fronteiriça passa a se constituir um lugar de encontro de estranhos e da instituição de territórios e fronteiras delimitadas por linhas ora permeáveis, ora intransponíveis, nem sempre visíveis e palpáveis, porém sentidas pelos moradores. Os novos moradores, ao enfrentarem barreiras em suas tentativas de inserção em território conquistado, têm seu ressentimento aflorado no sentido de lidar com humilhações experimentadas, com preconceitos e discriminação.

³ Iñapari é capital da província de Tahuamanu, no Departamento de Madre de Dios. Em 2005 contava com uma população estimada de 791 pessoas. Em 2009 apresentava uma população estimada de 2000 pessoas. A origem dessa vila está associada à extração da borracha.

Para Ansart (2001), os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento levam em conta os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte (p.15).⁴ A questão do ressentimento está ligada a diversos problemas, às intolerâncias entre sujeitos individuais e às práticas sociais e políticas. Tendo em vista o sentido social utiliza-se a definição de Roger Petersen, citada por David Konstan, que define ressentimento como “a emoção que deriva da percepção de que um grupo ao qual se pertence está em posição injustamente subordinada em uma hierarquia de *status*” (KOSTAN, 2001, p.62). Para Petersen, o ressentimento, visto pelo viés da violência étnica, é uma resposta que vai além de uma resposta a uma ofensa, mas se refere a alguém ou um grupo que sofre discriminação. Em sua definição o autor leva em conta a questão do pertencimento e ainda a injustiça.⁵

FRONTEIRAS CULTURAIS ENTRE “NATIVOS” E “OS DE FORA”

A idéia de que a fronteira é um lugar propício para ganhar dinheiro mobilizou um número considerável de migrantes “serranos”⁶ e ainda de aventureiros e de transeuntes para as localidades fronteiriças, movimento que vem provocando alterações no cotidiano dos moradores. Sobre a perda de tranqüilidade e sobre o surgimento de medo, uma antiga moradora amazônica comenta:

Eso de la carretera nos da mucho miedo porque no va a haber tranquilidad, antes dormíamos tranquilo, ahora uno tiene que tener más cuidado y ahora es preciso pagar una persona para que vigile. Y aquí en la Colonia se está empezando a notar. Porque acá nada más que tenemos empresas, todo esto de acá. Hay jovencitos que se están dedicando a robar por la droga, no sé cuál sería su dificultad de ellos en su hogar, son niños y sus papás los apoyan (moradora de Iñapari).

Pouco a pouco a pequena cidade sofre transformações, os novos moradores contribuem para a fisionomia que a cidade vem adquirindo a partir do final dos anos de 1990. A cidade fronteiriça Iñapari, embora com um número reduzido de moradores (2000 habitantes), não escapa do estabelecimento de relações tecidas por diferentes indivíduos e grupos que se aproximam por necessidades, vizinhança, parentesco, todavia se sentem separados ou se separam a todo instante pela condição de nascidos nela ou fora dela, pelas divisões entre natos e migrantes, que abriga uma gama de tensões e

⁴ Sobre a história do ressentimento ver Pierre Ansart, em artigo História e Memória dos ressentimentos.

⁵ O texto a que Kostan faz referência é um artigo não publicado de Roger Petersen, intitulado: *Fear, hatred, resentment: delineating paths to ethnic violence in Eastern Europe*.

⁶ Serrano é o nome pejorativo dado aos andinos pelos amazônicos.

conflitos daí derivados, pelas incertezas e inseguranças que fazem parte das novas sociabilidades das cidades contemporâneas (SASSEN, 1999).

O grupo migrante, cujos membros são denominados “serranos”, desde que chegaram à cidade fronteiriça vêm se dedicando ao comércio de roupas, de utilidades domésticas e à venda de legumes, grãos e condimentos. Essa tarefa é realizada por pessoas provenientes de Cusco, Puno, Huancayo e Arequipa. Alguns se dedicam à agricultura em colônias situadas nas proximidades de Iñapari. Foram chegando e vendendo pela rua e também *marreteando*, de porta em porta, vendendo roupas, utensílios domésticos em Assis Brasil e redondezas. Faziam troca por galinha, porco, ovelhas. Conquistaram amizades do lado brasileiro nos anos de marretagem. Um comerciante revela: “o brasileiro é boa gente, não nos despreza como os ñaparinos, los patricios são buena gente, trabalhei cinco a seis anos marreteando, cem por cento dos brasileiros consomem acá”. Os primeiros migrantes alegaram que escolheram a fronteira como lugar para viver, pois o lugar atraiu, apresentava tranquilidade, com um comércio acanhado, o que despertava expectativas de um lugar especial para crescimento econômico. Enfrentaram discriminação e xenofobia por parte dos amazônicos, foram por estes denominados *serranos* e caracterizados como pessoas diferentes.

Os comerciantes começaram a se destacar pelo espírito empreendedor e pelo desejo de se transformarem em grandes negociantes na fronteira tri-nacional, os que se dedicam à agricultura de modo geral almejam alguns hectares de terra para a agropecuária. Esses migrantes foram logo entendidos como estranhos, como desconhecidos e considerados como inimigos. O migrante veio com a ideia de conquistar a duras penas um crescimento econômico, mas, para os olhos dos “nativos”, representa um perigo, pois estes se sentem ameaçados diante da possibilidade de os “de fora” conquistarem lucros. Vale dizer que a percepção do conflito se desenvolve quando surge um maior contato entre grupos sociais e quando isso ameaça as relações de poder, intocáveis até o momento. Enquanto antes cada um estava em seu lugar, viviam isolados, não havia os confrontos que existem agora, porém, com a chegada de novos grupos, os amazônicos começam a questionar as hierarquias e, com base na elite local, o preconceito aumentou.

A migração massiva das regiões rurais para as cidades deu origem ao processo de *cholificação* recriou os elementos culturais andinos no marco de uma nova cultura popular.⁷ Zavala e Zariquiey em estudos sobre os paradoxos contidos na discriminação entre os próprios peruanos, dizem:

⁷ Ver Zavala e Zariquiey sobre o mito da mestiçagem e sobre os paradoxos contidos nas discriminações entre peruanos, por conta de uma falta de autodefinição racial. “Mas esse é o paradoxo, para nós é simples definir o outro e colocar neles apelidos como sholo, serrano, já que a raça é um conceito que se constrói a partir de critérios sociais, culturais e geográficos.” (p. 303).

Nas últimas décadas, as pessoas de procedência andina manifestaram uma clara tendência a assimilar-se à cultura dominante, abandonando as zonas rurais e deslocando-se prontamente às cidades, onde passaram a ocupar espaços populacionais marginais e, aos poucos foram deixando algumas práticas culturais tradicionais, entre as quais se inclui o uso da língua. (ZAVALA; ZARIQUIEY, 2008, p.300).

Comerciantes migrantes ampliam informações a respeito das fronteiras culturais entre serranos e amazônicos:

Em Iñapari havia preconceito há muito tempo atrás, não aceitavam os serranos, há dez anos atrás. Os serranos chegavam a apanhar. O preconceito foi diminuindo. Diminuiu quando o número de serranos aumentou e eles se fortaleceram e começaram a impor seus costumes (comerciante). (...)

Os iñaparinos são peruanos, mas têm sangue brasileiro. Os iñaparinos vivem vinculados ao Brasil. O racismo começa pela língua e pela cor da pele. Um aluno brasileiro se embecta e começa a fazer bagunça e os iñaparinos começam a repetir os costumes brasileiros. Gritam em la calle, imitam os brasileiros no comportamento e nos costumes. Entre los niños se pegam a golpes. Adolescentes de cor morena são insultadas, chamadas de serrana, negra, em escola de Iñapari. Os que têm dinheiro, los madereiros, são os mais racistas (comerciante de Iñapari).

O ressentimento é uma atitude ou emoção que remete à percepção de que o grupo ao qual se pertence está em condição hierarquicamente inferior, principalmente quando se trata de intolerância étnica. Com a chegada de um número maior de migrantes, os andinos se fortalecem e tentam superar as discriminações. Os lotes recebidos do loteamento realizado pela municipalidade, lugar onde instalaram os quiosques comerciais, foram uma grande conquista. A venda contemplou trinta e duas pessoas que por meio de sorteio escolheram seus lotes, efetuaram a compra e construíram suas lojas comerciais.

Hoje a cidade apresenta novos bairros, com a venda de lotes para construir moradias com novos modos de vida e abriga um pequeno comércio com produtos oriundos do próprio Peru. O assentamento Virgen Del Rosário é um loteamento feito pela municipalidade, lugar em que a maioria de migrantes vive com documentação que atesta a posse de seu terreno e buscando se agregar por meio de uma associação.

Foi difícil o assentamento dos serranos, pois os natos daqui não queriam gente de fora. Queriam que as pessoas servissem a eles. Ameaçavam dizendo que iriam queimar a casa e a qualquer momento iriam mandar os capangas para queimar seu negócio (comerciante de Iñapari).

O grupo migrante encontrou fortes dificuldades em se integrar na pequena cidade amazônica. A migração produz conflitos, novas sociabilidades, novas identidades e ainda mudanças sociais e culturais. A inserção de novos costumes e de novas práticas resulta no surgimento de códigos e de emblemas de origem andina na pequena cidade que sofria até então forte influência

brasileira. As transformações que ocorrem na fronteira peruana estão relacionadas aos modos de estar juntos, de recriar a cidade, das novas sensibilidades, das novas formas de identidade e de cidadania.

SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE E DE PERTENCIMENTO

Os ressentimentos são canalizados em sentimentos de solidariedade entre os novos moradores. A manutenção de fronteiras culturais não resulta do isolamento, mas da inter-relação social. O discurso da sociedade envolvente organiza a exclusão por meio de conflitos, de violência, tentando impor ao grupo de fora o adormecimento de seus desejos, negando oportunidades. Dá força aos sentimentos individuais e coletivos que formam as atitudes, modelam as condutas, geram associação, propõem união e a construção de um grupo (KOUBI, 2001). A frustração da identificação cultural pode se traduzir em resignação, em revolta e resistência.

O sentimento de solidariedade tem então por objeto contribuir para manutenção da cultura diferente, para a conservação e para a preservação dos sinais distintos da minoria. Esses sinais são os traços por meio dos quais a minoria firma sua dessemelhança e sua dissimilitude em face dos comportamentos culturais da sociedade civil (KOUBI, 2001, p. 535).

Nessa direção está a frase: “nosotros, gente de fora, unidos podemos vencer”, dita por um comerciante serrano ao falar sobre os objetivos das associações existentes em Iñapari e das táticas utilizadas para se fortalecer e serem reconhecidos. Revela um sentimento de solidariedade, tendo em vista a preservação dos sinais distintos de sua cultura de origem. Assim, vão criando estratégias para se inserirem em programações da localidade e, pouco a pouco, vão ocupando espaço, participando de atividades da municipalidade, das programações realizadas pelas escolas e eles próprios, por sua vez, por meio das associações, organizam seus festejos, re-inventam tradições e criam situações de convívio como forma de buscar integração.

Para vencer as inseguranças e estigmas, os atores conhecidos como os “de fora” ou migrantes se organizam em busca de fortalecimento e de caminhos que possibilitem a diminuição de tensões e conflitos. Assim, os serranos utilizam contornos culturais, da organização de associações e aproveitam dos aniversários das associações (comercial e da agricultura), e ainda dos aniversários pessoais para partilhar da comida de seu lugar de origem como forma de integração com os amazônicos (velhos moradores).

O sentimento de pertencimento não é um sentimento partilhado com o sentimento de solidariedade, são inevitavelmente opostos quando a noção de

identidade interfere, o que existe são estratégias identitárias. O pertencimento a um grupo não é decidido pelo indivíduo, ele se constata. Ligada ao pertencimento, a identidade revela um consentimento de ser uma coisa ou outra. O sentimento de solidariedade traduz o desejo do grupo de afirmar sua força contra o poder e o sentimento de pertencimento é uma tática diante das manipulações. O sentimento de pertencimento é constitutivo de exclusão e a noção de identidade fica impregnada disso. A solidariedade é um instrumento que reforça as estratégias identitárias, é um meio de manter o laço entre os indivíduos, “é uma técnica que permite consolidar a proximidade, o relacionamento entre os indivíduos; é um procedimento que homologa o pertencimento.” (KOUBI, 2001, p.540). Para Barth, as categorias étnicas são uma espécie de organização social, situação na qual “os atores utilizam as identidades étnicas para categorizar a si próprios e a outros, no propósito de uma interação”. (BARTH, 1976, p.10).

COMIDAS E FESTAS EM BUSCA DE RECONHECIMENTO

O migrante carrega o estigma do preconceito social; para enfrentar a intolerância utilizam a linguagem de partilhar alimentos, exibir suas danças e músicas, com o intuito de mostrar sua pertença. As refeições, festas e celebrações em datas fixas eram um dos meios de comunicação não verbal da Idade Média. O banquete era um dos sinais que permitiam dar a conhecer decisões, inovações e mudanças; aqueles que davam tais sinais comprometiam-se a pôr em prática aquilo que haviam se proposto. A refeição era organizada em diversas ocasiões: quando os indivíduos selavam paz, nas celebrações particulares (batismo, casamento, investidura) exigindo que as relações fossem reforçadas por um comportamento adequado. O banquete era utilizado como sinal ou reconhecimento de um laço social.

Na alta Idade Média abundam as referências a refeições e banquetes no âmbito da amizade ou das relações associativas. Até por volta dos últimos séculos da época medieval, quando as pessoas selavam relações semelhantes às do tipo familiar concediam aos membros dessas associações direitos e deveres iguais aos praticados nos grupos familiares, organizava-se uma refeição solene para celebrar essa ligação. Na vida posterior do grupo o banquete tornava-se uma instituição permanente e realizava-se a intervalos regulares. (ALTHOFF, 1998, p. 301).

A comida servida no âmbito das relações associativas com intuito de integração social remonta a uma tradição bem antiga. Os *convivia* (festas com banquetes)⁸ oferecidos na Idade Média permitiam pacificar eventuais

⁸ Ver Gerd Althoff em seu artigo: Comer compromete: refeições, banquetes e festas. Trata-se de divertimentos medievais com que se esperava criar clima de confiança para quando dos *convivia* (festa com comida ou banquetes) marcar início de alianças ou perpetuar e reforçar laços já existentes.

conflitos entre membros dos grupos das associações e afogar no álcool as questões de reparações e ofensas. Os *convivia* se prolongavam até por oito dias seguidos de comilanças e bebedeiras, as refeições e banquetes funcionavam como rituais criadores de confiança no momento que se firmava a aliança. Os *convivia* caracterizavam-se pela abundância de comidas e bebidas, por uma duração excepcional e pelos divertimentos mundanos que contribuíam para criar segurança e solidariedade. Certamente as regras estabelecidas pelos *convivia* em Iñapari têm um valor simbólico, o importante para os “serranos” é mostrar sua identidade, seus modos de vida. Assim, compartilhar o comer e o beber com pessoas da localidade, pessoas comuns e autoridades significa reforçar laços de sociabilidade, reconhecer compromissos publicamente e conquistar clima de cumplicidade com intuito de reduzir preconceitos e estereótipos construídos sobre seus costumes regionais.

Sobre as obrigações de dar, receber e retribuir, Mauss (1974, p. 108) enfatiza:

[...] a obrigação de convidar é inteiramente evidente quando é exercida de clã a clã ou de tribo a tribo. De fato, ela só tem sentido se estendida a pessoas de fora da família, do clã ou da fratria. É preciso convidar quem pode e quer ou vem assistir à festa, ao potlach.

Um comerciante descreve os aniversários da Associação de Comerciantes Contigo Peru e mostra a necessidade de convidar as pessoas de fora do grupo que compartilham um território conhecido, ou seja, pessoas de fora do clã:

Os aniversários da Associação são feitos na calçada, contratam um conjunto, convidam o alcaide e todas as autoridades. Servimos a comida e cerveja. As festas ajudam na sociabilidade. As autoridades ficam pouco e a festa segue. A festa começa por volta das 10:00 horas da manhã e vai até a noite. Quando é aniversário pessoal envia uma ‘tarjetita’ a todos. Serve comida, são reunião para atender amizades, para poder trabalhar com el pueblo (membro da Associação de Comerciantes Contigo Peru).

Assim, as festas inventadas pelos migrantes propõem reduzir as tensões e disputas em torno de seu reconhecimento e integração. As inventivas do grupo têm em vista ampliar seus limites e fronteiras. Os “serranos”, instalados recentemente na fronteira, reconstituem a identidade andina pela prática de uma sociabilidade que se articula em torno dos costumes culinários, da partilha festiva das especiarias trazidas da terra por aquele que acaba de chegar. Assim, mediante conflitos as cozinhas regionais serranas foram instaladas na fronteira, permitindo aos novos moradores reatar suas ligações regionais, com o prato e os condimentos consagrados pela lembrança. Entre as múltiplas associações e círculos de homens organizados buscam formas de se inserir no novo contexto; para tal circunscrevem as novas formas de sociabilidade, o movimento associativo favorece a constituição de pequenos

grupos que tenham por vocação manter as tradições festivas e culinárias regionais.

Na mesma perspectiva caminham os migrantes serranos que se dedicam à agricultura, organizam-se em torno da *Asociación Nuevo Paraíso* para tentar resolver os problemas mais imediatos, tais como: formas para solicitar apoio ao governo peruano, discutir questões sobre o caminho vicinal e outras dificuldades mais que vão surgindo no dia-a-dia. Há dois anos introduziram o costume de celebrar o aniversário da Associação com festa e sempre uma festa com a dinâmica da comida do lugar de origem, tendo em vista estabelecer vínculos de sociabilidade. Para a comemoração fazem convites a todos os vizinhos, migrantes e nativos, sem se esquecerem daqueles que demonstram preconceito ou discriminação com relação aos novos agricultores. Para um sócio da Associação é importante convidar todos, “pois temos que demonstrar que somos iguais a eles”.

Migrou ainda da serra para a região amazônica a celebração da *yunza*, festejo que vem sendo realizado nos últimos anos, sempre no domingo de carnaval. Em Iñapari, “la fiesta del carnaval termina con la tradicional “yunza”, “úmisha” o “tumba monte” como se le conoce hoy a la fiesta popular que consiste en plantar artificialmente un árbol cargado de regalos, en torno al cual se baila hasta tumbarlo con los cortes de un machete o hacha” (MAURICIO, 2008, p. ?)⁹. A manifestação denominada *yunza* é uma festividade do departamento de Junin. O departamento de Junin, juntamente com o de Pasco, constitui a região central andina do território peruano. As Cordilheiras Central e Ocidental atravessam seu território, têm montanhas e floresta. Sua capital é a cidade de Huancayo, localizada a cerca de 3271 metros de altitude, no Vale do Mantaro, na margem esquerda do rio do mesmo nome. Outras cidades importantes são Jauja, Concepcion, La Oroya, Tarma, Satipo e Chanchamayo. Um dos organizadores da *yunza*, ao dar explicações à prática de natureza simbólica que migrou do Vale do Mantaro para a fronteira, expressa seu desejo de dar continuidade ao passado histórico apropriadamente:

É um folclore latino, é una combinación de costumes espanhóis com indígenas. A festa é a mesma de los Carnavales da zona do Vale de Mantaro, região que é selva cercada de serra. Dessa zona Huancayo, Junin, Ayacucho, Huanuco são os sítios que mantêm o costume. Os mesmos costumes são la comida que ofrecemos: pachamanca, puchero, pucaucho e cordeiro (migrante da Região de Huancayo) .

A festa é uma atividade que se inicia pela manhã e se prolonga pelo dia todo. O “alferado” (festeiro) responsável pela organização do festejo organiza uma comissão organizadora para recolher os objetos que serão fixados na

⁹ Ver em Mauricio (2008) sobre *yunza* a tradicional festa de carnaval da região do Vale do Mantaro.

árvore. Os casais dançam ao redor e cada um experimenta derrubar a árvore com marretadas. O casal que vence recebe a responsabilidade de dar continuidade ao festejo no ano seguinte. O festejo é uma tradição inventada, forma de inserir a cultura que veio na bagagem dos migrantes serranos. Nessa ocasião ñañaparinos participam vestidos de indígenas e os cusquenhos, com roupas andinas, nessa oportunidade de socializar os regionalismos e partilhar a culinária da serra. Comem *puchero* ou *pachamanca*¹⁰ e apontam o “alferado”¹¹ da festa do ano seguinte, com intuito de garantir continuidade da “tradição inventada”.

Por tradição inventada se entende um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade com relação ao passado.”(HOBSBAWN; RANGER, 1984, p. 9).

Vê-se em estudos sobre migrantes que é comum a festa migrar e sua manutenção é de natureza simbólica, tentando-se dar continuidade a um passado histórico apropriado. Segundo um serrano, organizador do festejo, foi importante trazer o festejo, pois os Ñañaparinos só ouviam música brasileira no carnaval.

O peruano migrante comemora seu *cumpleaños* (aniversário), convidando grupos de amigos. Os convidados são em torno de trinta a cinquenta pessoas. Os convidados levam a bebida e o aniversariante se responsabiliza pela comida. A construção da identidade dos “serranos” está relacionada com a possibilidade de integração. Por meio da comida e de festejos públicos e privados buscam inserção e laços de amizades.

A maneira de cozinhar e os hábitos de servir os alimentos são indicadores de uma adesão aos costumes regionais. Toda prática alimentar depende de uma rede de pulsões, quanto aos odores, cores e formas, também quanto ao tipo de consistência. O alimento escolhido, permitido e preferido é o lugar do empilhamento silencioso de toda a estratificação de ordens e contra-ordens que dependem ao mesmo tempo de uma etno-história, de uma economia regional, de uma invenção cultural, de memórias e de identidades pessoais (LUCENA, 2006).

Um comerciante migrante se expressa sobre os significados da comida e das festas de aniversário:

¹⁰ Pachamanca é uma mistura de carnes de cordeiro, boi, galinha, enfim, todas as carnes. É assada debaixo da terra. É um prato típico da serra central. Cava-se um buraco no solo, aquecem-se as pedras, faz-se um forno. Colocam-se as carnes para assar, depois cobre-se com uma manta e por último coloca-se terra. É servida acompanhada de batatas assadas, vagem, banana madura.

¹¹ O alferado em quechua é carguhoc. É a pessoa responsável pela organização do festejo do ano seguinte.

Existe uma espécie de demonstração da própria comida e também para vender, demonstrar com fins comerciais. Vendem a comida e vendem os temperos que chegam por transporte da serra. Os pratos dependem dos segredos dos condimentos. As festas de aniversário são um ponto de encontro. No meu aniversário eu tenho sempre *la cumbia y la salsa y papa la hancaina*¹² e *carapulcra*¹³ (comerciante de Iñapari).

Dessa maneira, interação cultural na fronteira significa pluralidade e manutenção de singularidades e de regionalismos. A abertura da fronteira vem de mãos dadas com novas formas de discriminação e de integração. No caso do migrante, “sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira efeitos imprevistos.” (CERTEAU, 1994, p. 93).

A cidade oferece hoje uma culinária que identifica a origem do morador, com pratos da selva e da serra. Existe atualmente uma maior divulgação dos ritmos huayno, cumbia e salsa. Os que vieram de sítios diferentes da região andina querem demonstrar aos vizinhos como podem preparar os pratos de seu lugar de origem, e os produtos que utilizam e as músicas da serra. Existe uma demonstração da própria comida, aproveitando para divulgar e vender os temperos regionais.

Para os novos moradores a maior dificuldade na chegada foi a falta de ingredientes para fazer a comida da região de origem. Sobre essa questão uma nova moradora de Iñapari, comenta:

Ao chegar encontrei dificuldades com os costumes, a maneira de falar, de preparar comida, não havia ingredientes. Sou da região do Amazonas, a doze horas de Lima, lá os pratos são os mesmos, mas muito mais saborosos, porque os ingredientes são mais frescos.

Os “serranos” trataram de conseguir transportar da serra para Iñapari alguns produtos e condimentos básicos para elaborar sua culinária e para comercializar. Hoje os produtos chegam com mais rapidez, por exemplo, a minestra (grãos secos): alverjas verdes, pallar, lentejas, quinua, garbanso e trigo, bem como as papas (batatas), gengibre, tomates, cebola, alho e azeitonas pretas e os condimentos apio, sillau, açafraão e ajis (pimentas de diferentes cores e sabores). Usam muito cominho, coentro, perejil (salsa) e poros.

Sobre a interação e a identidade do lugar um educador de Iñapari diz o seguinte:

Existe distinción no paladar em zona de fronteira. Los alumnos consumen arroz, frijoles, mientras, depende los migrantes de onde vienem, tem outros produtos que consumem.

¹² Papa la Hancaina: coloca-se pão ou bolachas no liquidificador com leite em pó, acrescenta uma mistura de óleo, pimenta amarela, cebola frita previamente e queijo em pedaços. Depois de batido no liquidificador, é servido em prato enfeitado com alface, ovo cozido e azeitona. É um prato frio, servido de entrada.

¹³ Carapulcra é um prato feito com batatas secas e uma diversidade de carnes: vaca, frango etc.

Hay una integración. Los migrantes pouco a pouco estão dando identidade ao Peru. Antes os moradores escutavam mais a música brasileira e tinham influência brasileira na alimentação. A migração está ajudando para fortalecer a identidade peruana, os migrantes trazem los produtos por preços mais baixos e diminui o consumo dos produtos brasileiros.

A investigação em região fronteira vem se dedicando às práticas do espaço – um cenário onde vários grupos interagem –, às maneiras as quais os atores lidam com os lugares, aos mil modos das populações lidarem com seus contrastes. É fundamental conhecer as relações estabelecidas entre os grupos, para que seja possível apreender os significados que as identidades assumem em contexto fronteira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHOFF, G. Comer compromete: refeições, banquetes e festas. In: MONTANARI, M; FLANDRIN, J-L. *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas (SP): UNICAMP, 2001.
- BARTH, F. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis (R.J.): Vozes, 1994.
- HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KONSTAN, D. Ressentimento – história de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas (SP): UNICAMP, 2001.
- KOUBI, G. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas (SP): UNICAMP, 2001.
- LUCENA, C. T. Comida e sociabilidade em festejo sul-mineiro. *Polifonia* 11, Cuiabá, MT, Edu FMT, 2006.
- MAURICIO, N. O. Empezaron los carnavales. *Desdel campus*. Boletim semanal elaborado por la Dirección de Comunicación. Universidad de Piura. enero 2008, ano V, número 300. Disponível em: www.dircon.udep.edu.pe/boletim. Acesso em: 17 set. 2008.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. v. 2.
- PESAVENTO, S. J. Além fronteiras. In: MARTINS, M.H. *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina*. São Paulo: Ateliê, 2002.
- SASSEN, S. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1988.
- ZAVALA, V.; ZARIQUIEY R. Peru: “Eu te discrimino porque a falta de educação me ofende” In: van DIJK, T. A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

